

A INDEPENDÊNCIA DE ANGOLA HÁ 40 ANOS

Testemunhos caldenses do fim de uma guerra e do começo de outra

Assinalou-se esta semana, a 11 de Novembro, os 40 anos da independência de Angola. **Gazeta das Caldas** ouviu três caldenses que na altura assistiram aos últimos dias da presença portuguesa na então colónia africana. Quase nada correu bem na descolonização angolana, bem como na das outras colónias. Envolvidos em conflitos insanáveis que a guerra fria estimulava, os movimentos de libertação envolveram-se numa guerra fratricida que teve os primeiros confrontos ainda antes dos militares portugueses partirem.



Rolim Oliveira – o capitão miliciano

O caldense Rolim Oliveira era capitão miliciano em 1975 quando Angola se tornou independente. Fez tropa em Portugal, Moçambique (onde diz que o 25 de Abril lhe chegou três dias depois) e em Angola. Viveu momentos de grande tensão, mas nunca esteve debaixo de fogo. Regressou a Portugal poucos dias antes da independência.



Rolim Oliveira foi dos últimos militares portugueses a sair de Angola

Carlos Cipriano
cc@gazetacaldas.com

O estudante de Engenharia do Técnico nunca antes tinha entrado no Convento de Maíra. Mas foi lá que assentou praça em Julho de 1973, com o curso ainda por concluir. No Instituto Superior Técnico, as crises académicas de 1971 e 1972 tinham feito mossa no regime e foram muitos os estudantes que foram recambiados para a tropa. Uma forma de o regime tentar apaziguar os ânimos revolucionários dos universitários. Rolim Oliveira era um deles. Fez a instrução em Maíra, passou a aspirante, foi alferes e tenente. Em Janeiro de 1974 partiu para a sua primeira comissão no Ultramar (como então se dizia). Esteve em Moçambique entre Janeiro e Maio. O 25 de Abril apertou-o lá, em Tête, afastado da capital Lourenço Marques (hoje Maputo). Mas esse dia foi um dia igual aos outros. Não soube de nada. A revolução só lá chegou três dias depois, o que era normal para as comunicações da época.

Nessa altura ficou praticamente adormecido que a guerra terminaria – pelo menos naquela zona – tendo as tropas portuguesas passado a viver em harmonia com os guerrilheiros moçambicanos. Em Maio de 1974 pelos quartéis das Caldas da Rainha e de Estremoz, as crises académicas de 1971 e 1972 tinham feito mossa no regime e foram muitos os estudantes que foram recambiados para a tropa. Uma forma de o regime tentar apaziguar os ânimos revolucionários dos universitários. Rolim Oliveira era um deles. Fez a instrução em Maíra, passou a aspirante, foi alferes e tenente. Em Janeiro de 1974 partiu para a sua primeira comissão no Ultramar (como então se dizia). Esteve em Moçambique entre Janeiro e Maio. O 25 de Abril apertou-o lá, em Tête, afastado da capital Lourenço Marques (hoje Maputo). Mas esse dia foi um dia igual aos outros. Não soube de nada. A revolução só lá chegou três dias depois, o que era normal para as comunicações da época.



Na Luanda no quartel dos katangues, Rolim Oliveira está ao cerco, ladeado de camaradas portugueses e militares do Katanga que, dias depois, irão ter um papel decisivo na Batalha de Luanda.

O capitão Rolim é enviado para a Luanda, a conhecida zona de diamantes, a fim de enquadrar com a sua companhia o acompanhamento de uma força de catangueses que ali estava acantonada. O Katanga era uma província do sul do antigo Congo Belga e estes mercenários iriam ter, pouco meses depois, em Agosto, um papel decisivo na batalha de Luanda, ao lado do MPLA contra um ataque da FNLA. Depois da Luanda a companhia de Rolim Oliveira é enviado em Setembro para o Dondo. Mas antes disso, numa viagem relâmpago a Portugal e às Caldas da Rainha, o jovem capitão vem ainda assistir ao nascimento da sua filha, Patrícia Rolim. Nesta visita fugaz à ainda Metrópole, é portador de missivas secretas que entrega em mão a alguns dos dignitários que emergiram da Revolução de Abril: o almirante Rosa Coutinho e o general Costa Gomes. Regressado a Angola, a sua missão no Dondo é proteger a barreira de Camabembe que produz energia eléctrica para Luanda,

e manter aberta a estrada de Gafete, que era a principal porta de entrada da capital. Serão os últimos militares portugueses que ali permaneceram. A dado momento é enviado a Malange para trazer uma coluna de camiões e jeeps que se destinavam a transportar as tropas da Luanda para a zona de Luanda. Foi ali que viveu o momento de maior tensão durante a sua guerra africana pois o MPLA, que já ocupava o terreno, não queria autorizar-lhes o acesso. Contudo a missão era para se cumprir e não lhe passava pela cabeça regressar sem o material bélico que fora incumbido de ir buscar. Felizmente, com alguma diplomacia, tudo se resolveu. À medida que o tempo passa e com a situação militar a deteriorar-se devido à guerra civil entre angolanos, torna-se clara a emergência da partida. Estamos em finais de Outubro de 1975. A tropa portuguesa destrói armas e outros equipamentos militares, atirando-os para o fosso da barreira. E partem para Luanda, em coluna, onde ficam alojados

no Granfil. As últimas noites são passadas com os militares já acantonados no aeroporto. Rolim Oliveira já veste à civil. Conta que ainda se podia passear pela cidade de relativa segurança, mas já escasseavam produtos. Por fim embarca num avião da Swissair fretado pelo governo português. Que também partiu com ele para Henrique Carvalho (hoje, a cidade de Saurimo) foi António Roque, na altura primeiro sargento, que já tinha estado em missão na Índia (1953), Guiné (1963), Moçambique (1967) e Cabo Verde (1977). Relembrando os anos coloniais, o ex-militar de 86 anos (que chegou a sargento maior), afirma que as relações entre nativos e portugueses “eram óptimas”. A segregação acontecia apenas no mato e, nessas alturas, “as metralhadoras resolviam”.

O Batalhão tinha a missão de formar um exército misto com os movimentos de libertação de Angola: FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), UNITA (União Nacional para a Independência de Angola) e MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Contudo, como revelam os ex-camaradas, o acordo não passou do papel.

Maria Beatriz Raposo
mbraposo@gazetacaldas.com

Com 20 anos, José Ventura já tinha passado por dois empregos e pensava agora na ascensão da sua carreira. Aliás, pouco tempo antes de partir para Angola tinha ido a uma entrevista numa prestigiada fábrica de mol-des, na Mantingança. Depois de fazer alguns testes, o lugar era seu e podia começar no dia seguinte. O que não esperava é que, prestes a sair da porta, o patrão lhe perguntasse: “Já fez a tropa?”. “Não era o caso”, lembra-se de ter dito José. Uma resposta que lhe roubou a oportunidade de trabalho.

José Ventura (conhecido por Leite Silva entre os camaradas) acentou praça em Vendas Novas, em 1973, onde recebeu guia de marcha para Estremoz. Em Maio 1975 é mobilizado para Angola. “Já havia um ano de revolução em Portugal, mas os ânimos ainda estavam muito conturbados porque os movimentos de esquerda radical tinham como slogan ‘Nem mais um soldado para o Ultramar’.

Electivamente a guerra não tinha terminado, mas era preciso fazer a descolonização”, conta o ex-furriel miliciano que integrou, com 23 anos, a Companhia de Comandos e Serviços do Batalhão de Cavalaria 8322, que reunia 150 militares. Que também partiu com ele para Henrique Carvalho (hoje, a cidade de Saurimo) foi António Roque, na altura primeiro sargento, que já tinha estado em missão na Índia (1953), Guiné (1963), Moçambique (1967) e Cabo Verde (1977). Relembrando os anos coloniais, o ex-militar de 86 anos (que chegou a sargento maior), afirma que as relações entre nativos e portugueses “eram óptimas”. A segregação acontecia apenas no mato e, nessas alturas, “as metralhadoras resolviam”.

O Batalhão tinha a missão de formar um exército misto com os movimentos de libertação de Angola: FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), UNITA (União Nacional para a Independência de Angola) e MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola). Contudo, como revelam os ex-camaradas, o acordo não passou do papel.

Na verdade, “o que havia era uma luta pela hegemonia do território”. Luta essa onde, na faixa Leste do país, o MPLA saiu vitorioso. Por isso mesmo, a transmissão do poder e do controlo de território para os três movimentos angolanos, tarefa do Batalhão português, resumiu-se apenas ao estabelecimento de acordos com um dos partidos, o MPLA. O dia 12 de Junho de 1975 é uma data que continua fresca na memória de José Ventura, quarenta anos depois. “Iamos jantar, eram essas 17h30 ou 18h00, quando ouvimos um estrondo enorme, até a terra abanou. Sabíamos que o acordo tinha terminado”, relembra o caldense, adiantando que, a partir deste dia “todo o eixo que ligava Henrique Carvalho a Luanda passou a ser dominado pelo MPLA”.

No final de mês de Junho, a Companhia de Comandos e Serviços (CCS) abandona o quartel e instala-se na Base Aérea N° 4, localizada a quatro quilómetros de Saurimo. José Ventura, que era responsável pelo sistema eléctrico e pela sala de cinema, não poupava elogios às novas instalações, mais modernas que o quartel e equipadas com material todo de gama: “O cinema tinha uma máquina de projecção Philips, o último grilo das tecnologias”, afirma o antigo miliciano, que também não esquece o primeiro filme que projectou, o português “José do Telhado”, que “sejamos sinceros, não teve muita assistência, ao contrário do seguinte, ‘Emanuel’ [erótico], que lotou a sala”, diz entre gargalhadas. Por saber que a base aérea seria trans-

ferida para o MPLA, José Ventura, que integrou o batalhão com a função de rádio montador, andava preocupado com o domínio técnico que os equipamentos implicavam. “Eram muitos pormenores específicos, como iamos explicar-lhes tudo?”, questionava-se. Ficou espantado quando, poucos dias após se ter reunido com Ernesto Liberdade (major do MPLA) lhe apareceram quatro angolanos que acabavam de terminar os estudos na União Soviética e que, com poucas explicações e em apenas três dias, já sabiam manusear “tudo aquilo”. Na verdade, o apoio da URSS ao MPLA era eviden-

te, a começar pelos navios que partiam da União Soviética carregados com “doses industriais” de armamento até Ponta Negra (República do Congo), nos limites da fronteira com Angola.

Contudo, explica José Ventura, a maioria dos militares da força angolana desconheciam as armas com que disparavam. “Na mão levavam uma arma e na cartucheira as balas para outra”.

Refugiados portugueses

Ainda na base aérea, os militares da CCS viram-se confrontados com



Uma casa com as marcas dos confrontos entre movimentos angolanos



José Ventura e António Roque no rio Lucala, perto de Saurimo, e nas Caldas da Rainha, 40 anos depois

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com



Uma casa com as marcas dos confrontos entre movimentos angolanos

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo António Roque, fez “o máximo possível”, num dos dias de arame farpado segurava um grande papel que, explicitamente dizia: “Cada refugiado mata um soldado português, até capitão”.

AS AVENTURAS DE JIPE

Cuba também esteve presente no território angolano, prestando apoio ao MPLA com o envio de militares. José Ventura lembra-se de um encontro com os guerrilheiros cubanos, que acabaram mesmo por salvar os soldados portugueses. De jipe, a Companhia saiu de Henrique Carvalho até Luanda: 1200 quilómetros, a maioria percorridos de noite, onde as estradas se cruzam com

uma das situações mais dramáticas da história da Companhia e que, embora em menor escala, José Ventura equipara com a actual crise dos refugiados. “As pessoas gostam muito de comentar, sentadas no sofá, mas não sabem o que é estar do outro lado do arame onde milhares de pessoas precisam de ajuda”, conta.

Numa fase de conflitos violentos, muitos dos portugueses residentes em Henrique Carvalho pagaram nos seus haveres e foram pedir auxílio à base. Estavam assustados porque o refúgio do lar não era mais seguro. “Havia mulheres, homens, crian-

ças, novos e velhos e foi preciso tratar daquela gente toda. As panelas estavam ao lume toda a noite a aquecer leite e água para dar banho aos bebés”, recorda António Roque, que salienta o “trabalho exemplar” do seu camarada Leite Silva no acolhimento aos refugiados portugueses acampados do lado de fora da base. Este, por sua vez, revela que os “militares eram obrigados a ter alguma frieza para lidar com a situação”.

Apesar dos esforços da Companhia que, segundo